

FALA-ME
DE UM DIA
PERFEITO

NETFLIX

UM FILME
NETFLIX

JENNIFER NIVEN

Bestseller do New York Times

NUVEM **DE TINTA**

Para a minha mãe,
Penelope Niven,
o lugar mais brilhante
da minha vida.

Aos que trazem muita coragem a este mundo,
o mundo quebra cada um deles e alguns ficam
mais fortes nos lugares quebrados.

Ernest Hemingway



FINCH

Estou novamente acordado. Sexto dia.

S*erá que hoje é um bom dia para morrer?*

É a pergunta que faço a mim mesmo de manhã, quando acordo. E durante a terceira aula, ao mesmo tempo que tento manter os olhos abertos enquanto o professor Schroeder fala sem parar num tom monocórdico. À mesa do jantar, quando passo o feijão-verde a outra pessoa. E à noite, quando estou acordado na cama, porque o meu cérebro não desliga com tantas coisas em que pensar.

É hoje é o dia?

E se não for hoje — quando será?

É isso que me pergunto agora, empoleirado num parapeito estreito seis andares acima do chão. Estou tão alto que quase faço parte do céu. Olho para o passeio lá em baixo e o mundo inclina-se. Fecho os olhos e aprecio a forma como tudo gira. Talvez o faça desta vez — talvez deixe o ar levar-me para longe. Será como boiar numa piscina e ser arrastado até não haver nada.

Não me lembro de subir para este lugar. A verdade é que não me lembro de quase nada antes de domingo, pelo menos nada do que se passou este Inverno. Isto acontece sempre — o apagar, o acordar. Sou como aquele velho de barba, o Rip van Winkle. Num momento vêem-me, no outro não. Já devia ter-me habituado, mas esta última vez foi a pior até ao momento porque, durante dois ou três dias, ou talvez duas semanas, não dormi — só dormi durante os *feriados*, ou seja, o Dia de Acção de Graças,

o Natal e o Ano Novo. Não sei dizer o que foi diferente desta vez, apenas que, quando acordei, senti-me mais morto do que é costume. Acordado, sim, mas completamente vazio, como se alguém se tivesse banqueteadado com o meu sangue. Hoje é o sexto dia desde que voltei a acordar e é a minha primeira semana no liceu desde 14 de Novembro.

Abro os olhos e o chão está no mesmo sítio, duro e estável. Estou no campanário do liceu, empoleirado num parapeito com cerca de dez centímetros de largura. A torre é bastante pequena, com menos de um metro de piso de betão à volta do sino e uma balaustrada baixa de pedra pela qual subi para aqui chegar. De vez em quando, bato com uma das pernas contra esta só para me lembrar de que está ali.

Tenho os braços abertos, como se estivesse a fazer um sermão e toda esta cidade, não muito grande e muito, muito chata, fosse a minha congregação.

— Senhoras e senhores — grito —, gostaria de vos dar as boas-vindas à minha morte! — Talvez fosse mais lógico dizer «vida», pois acabei de acordar e tudo, mas só quando estou acordado é que penso em morrer.

Grito como um pregador de antigamente, com a cabeça a abanar e palavras entrecortadas no fim, e quase perco o equilíbrio. Seguro-me por trás, feliz porque ninguém parece ter reparado, pois, verdade seja dita, é difícil parecermos destemidos quando estamos agarrados a uma balaustrada como cobardes.

— Eu, Theodore Finch, por não estar mentalmente são, venho por este meio doar todos os meus bens terrenos ao Charlie Donahue, à Brenda Shank-Kravitz e às minhas irmãs. Todas as outras pessoas que se f... — Lá em casa, a minha mãe ensinou-nos desde muito cedo a soletrar este palavrão (se tivermos *mesmo* de o usar) ou, melhor, a nem sequer o soletrar, e, infelizmente, esse hábito enraizou-se.

Apesar de já ter tocado para as aulas, alguns dos meus colegas continuam a andar pelo recinto. Estamos na primeira semana do segundo semestre do último ano e a maioria já se comporta

como se estivesse praticamente fora daqui. Um deles olha na minha direcção, como se me ouvisse, mas os outros não, quer porque não me viram, quer porque sabem que estou aqui e *Oh, é só o Theodore Anormal*.

A seguir, desvia a cabeça e aponta para o céu. A princípio penso que está a apontar para mim, mas depois vejo a rapariga. Está a alguma distância de mim, do outro lado da torre, também no parapeito, com o cabelo louro-escuro a esvoaçar ao vento e a saia insuflada de ar como um pára-quadras. Embora seja Janeiro no Indiana está descalça, de *collants*, com um par de botas na mão, e olha fixamente para os pés ou para o chão — é difícil perceber. Parece petrificada.

Com a minha voz normal, de não-pregador, digo, com a maior tranquilidade possível:

— Acredita que o pior que podes fazer é olhares para baixo.

Ela vira a cabeça na minha direcção, muito devagar, e reconheço esta rapariga, pelo menos já a vi nos corredores. Não consigo resistir:

— Vens cá acima muitas vezes? É que este lugar é praticamente meu e não me lembro de te ter visto aqui antes.

Ela não ri nem pestaneja, limitando-se a olhar para mim por trás de uns óculos grosseiros que quase lhe tapam o rosto. Tenta recuar um passo, mas bate com o pé na balaustrada. Cambaleia um pouco e, antes ela que entre em pânico, digo:

— Não sei porque estás aqui em cima, mas eu cá acho que a cidade fica mais bonita e as pessoas parecem mais simpáticas vistas daqui. Até as piores parecem quase boas. Tirando o Gabe Romero, a Amanda Monk e toda aquela gente com quem costumamos andar.

Ela chama-se Violet Não Sei das Quantas. É megapopular — uma daquelas miúdas que ninguém pensaria encontrar num parapeito seis andares acima do chão. Atrás dos óculos horríveis ela é bonita, quase parece uma boneca de porcelana. Olhos grandes, um rosto doce com o formato de um coração, uma boca que quer curvar-se num sorriso perfeito. É o tipo de miúda que sai

com rapazes como Ryan Cross, o melhor jogador da equipa de baseball, e se senta com Amanda Monk e outras miúdas populares no refeitório ao almoço.

— Mas nós não viemos para aqui por causa da vista. Tu és a Violet, não és?

Ela pestaneja uma vez e considero que é um sim.

— Theodore Finch. Acho que no ano passado fomos da mesma turma de Cálculo Matemático.

Ela pestaneja de novo.

— Eu odeio Matemática, mas não é por isso que estou aqui em cima. Não te quero ofender se estás aqui por isso. Deves ser melhor que eu a Matemática, porque quase toda a gente o é, mas não faz mal porque é algo que não me preocupa. Sou excelente noutras coisas mais importantes... guitarra, sexo e a decepcionar consistentemente o meu pai, para te dar apenas alguns exemplos. A propósito, parece que é mesmo verdade que nunca a usamos na vida real. Refiro-me à Matemática.

Continuo a falar, mas percebo que estou a perder a pedallada. Antes de mais, preciso fazer um chichi, por isso as minhas palavras não são a única coisa que se contorce. (*Nota mental: antes de tentares acabar com a tua vida, não te esqueças de fazer chichi.*) Além disso, está a começar a chover e, com esta temperatura, o mais certo é a chuva transformar-se em granizo antes de chegar ao chão.

— Está a começar a chover — digo, como se ela não o soubesse. — A parte boa é que a água lava o sangue e não vamos deixar tanta porcaria para limpar como aconteceria se o chão estivesse seco. É a parte da porcaria que me faz pensar. Não sou vaidoso, mas sou humano, e não sei o que achas, mas no meu funeral não quero ter o aspecto de alguém que passou por uma máquina de fazer aparas de madeira.

Ela está a tremer de frio ou de nervos, não consigo perceber, por isso aproximo-me devagar, rezando para não cair antes de chegar porque a última coisa que quero é fazer figura de parvo à frente desta miúda.

— Já deixei bem claro que quero ser cremado, mas a minha mãe é contra as cremações. — O meu pai faz tudo o que ela diz para não a irritar ainda mais e, além disso, *Tu és muito novo para pensares nisso, não te esqueças de que a avó Finch viveu até aos noventa e oito anos. Não precisamos de falar no assunto agora, Theodore, não aborreças a tua mãe.* — Por isso o meu caixão vai estar aberto, o que significa que se saltar não será uma visão agradável. Além disso, gosto do meu rosto assim, intacto, com dois olhos, um nariz, uma boca, os dentes todos, que, devo dizer, são uma das minhas melhores características. — Sorrio para ela perceber o que quero dizer. Está tudo no devido lugar, pelo menos por fora.

Nada diz, e eu continuo a aproximar-me e a conversar.

— Acima de tudo, tenho pena do cangalheiro. Já deve ser um trabalho nojento e ainda leva com um cretino como eu?

Lá em baixo, alguém grita:

— Violet? É a Violet que está lá em cima?

— Ai, meu Deus — diz ela, tão baixo que quase não consigo ouvi-la. — AimeuDeusaimeuDeusaimeuDeus. — O vento sopra contra a sua saia e o cabelo e parece que vai voar para longe.

Começa a ouvir-se um burburinho e grito:

— Não tentes salvar-me! Só vais acabar com a tua vida! — Depois digo muito baixinho, só para ela: — Vou dizer-te o que acho que devemos fazer. — Já estou a cerca de trinta centímetros dela. — Quero que atires as botas para o sino e depois agarra-te à balastrada com força, e quando conseguires apoia-te e passa o pé direito por cima desta. Percebeste?

— Percebi. — Acena com a cabeça e quase perde o equilíbrio.

— Não acenes com a cabeça.

— Está bem.

— E, fazas o que fizeres, não vás para o lado errado nem dês um passo em frente em vez de um passo atrás. Vou contar até três. Está bem?

Atira as botas na direcção do sino, que caem no betão... tum... tum.

— Um. Dois. Três.

Ela agarra-se à pedra, apoia-se e ergue a perna, passando-a por cima desta e sentando-se na balaustrada. Olha para o chão e percebo que está de novo petrificada, por isso digo-lhe:

— Bom. Muito bem. Agora, pára de olhar para baixo.

Ela olha lentamente para mim e tenta tocar no chão da torre com o pé direito. Quando o consegue, digo-lhe:

— Agora, passa a perna esquerda para o outro lado como fores capaz. Não largues a balaustrada. — Treme tanto que oiço os seus dentes a baterem, mas vejo-a a juntar o pé esquerdo ao direito e a ficar em segurança.

Agora sou o único do lado de fora. Olho para o chão uma última vez, para lá dos pés tamanho quarenta e seis que não param de crescer — uso uns ténis com atacadores fluorescentes —, para lá das janelas abertas do quarto andar, do terceiro, do segundo, para lá de Amanda Monk, que cacareja nos degraus da frente e sacode o cabelo louro como um pónei, com os livros na cabeça, a tentar namoriscar e proteger-se da chuva ao mesmo tempo.

Olho para tudo isto e fixo o chão, que agora está escorregadio e húmido, e imagino-me ali caído.

Podia dar um passo em frente. Acabaria tudo em segundos. Acabar-se-ia o «Theodore Anormal». Nunca mais sentiria dor. Nunca mais haveria nada.

Tento ultrapassar a interrupção inesperada de salvar uma vida e regressar ao que me trouxe a este local. Por instantes, experimento-a: uma sensação de paz quando a minha mente se acalma, como se já estivesse morto. Não tenho peso e sou livre. Nada e ninguém a temer, nem sequer eu próprio.

Depois, oiço uma voz atrás de mim:

— Quero que te agarres à balaustrada e, assim que o conseguires, apoia-te e passa o pé direito por cima desta.

De repente sinto o momento passar, talvez já tenha passado, e agora parece-me uma ideia estúpida, a não ser quando imagino a cara de Amanda quando me esborrachasse aos seus pés. Este pensamento faz-me rir. Rio tanto que quase caio, e isso assusta-me

— tipo, assusta-me a sério —, agarro-me à balaustrada e Violet segura-me no momento em que Amanda olha para cima.

— Anormal! — alguém grita.

O pequeno grupo de Amanda relincha. Ela protege a grande boca com a mão em concha e aponta para o céu.

— Estás bem, V?

Violet debruça-se na balaustrada, ainda agarrada às minhas pernas.

— Estou.

A porta no cimo das escadas do campanário abre-se e o meu melhor amigo, Charlie Donahue, aparece. Charlie é negro. Não escuro, mas preto-preto. E não conheço ninguém que faça tanto sexo como ele.

— O almoço hoje é *pizza* — diz, como se eu não estivesse num parapeito a seis andares do chão, com os braços abertos e uma miúda abraçada aos meus joelhos.

— Porque não te atiras e acabas com isso de uma vez, anormal? — grita lá de baixo Gabe Romero, mais conhecido por Roamer, mais conhecido por Imbecil. Mais gargalhadas.

Porque tenho um encontro com a tua mãe mais tarde, penso, mas não digo nada porque, sejamos francos, é uma resposta parva e também porque ele poderia subir, dar-me um murro na cara e atirar-me daqui abaixo, o que estragaria o objectivo de ser eu próprio a fazê-lo.

Em vez disso, grito:

— Obrigado por me salvares, Violet. Não sei o que teria feito se não tivesses aparecido. Acho que estaria morto.

O último rosto que vejo lá em baixo é o do psicólogo do liceu, o Dr. Embry. Quando olha para mim, penso: *Que maravilha. Era só o que me faltava.*

Deixo Violet ajudar-me a passar a balaustrada e chegar ao betão. Lá em baixo ouvem-se alguns aplausos, não para mim mas para Violet, a heroína. De perto, vejo que tem a pele lisa e clara, exceptuando duas sardas na face direita, e os seus olhos são de um verde-acinzentado que me faz lembrar o Outono. São os olhos

que me atraem. São grandes e cativantes, como se pudessem ver tudo. Por muito calorosos que sejam, são agitados, francos, o tipo de olhos que vêem o interior das pessoas, e percebo isso mesmo através dos óculos. Ela é linda e alta, mas não demasiado, tem as pernas compridas e irrequietas e ancas curvilíneas, como gosto numa miúda. A maior parte das raparigas do liceu tem corpos que mais parecem de rapazes.

— Eu só estava ali sentada — diz ela. — No parapeito. Não vim aqui acima para...

— Deixa-me perguntar-te uma coisa. Achas que é possível haver um dia perfeito?

— O quê?

— Um dia perfeito. Desde o princípio até ao fim. Um dia em que não acontece nada terrível, triste ou vulgar. Achas que é possível?

— Não sei.

— Alguma vez tiveste um dia assim?

— Não.

— Eu também não, mas ando à procura dele.

— Obrigada, Theodore Finch — sussurra ela. Põe-se em bicos de pés, dá-me um beijo na face e sinto o cheiro do seu champô, que me lembra flores. E diz ao meu ouvido: — Se alguma vez contares isto a alguém, mato-te. — Com as botas na mão, afasta-se a correr para escapar à chuva e entra pela porta que dá para um lance de escadas escuras e gastas que conduzem a um dos muitos corredores demasiado iluminados e apinhados do liceu.

Charlie fica a vê-la afastar-se e, quando a porta se fecha, vira-se para mim.

— Porque fazes estas coisas, meu?

— Porque todos temos de morrer um dia. Eu só quero estar preparado. — É evidente que o motivo não é esse, mas a explicação é suficiente para ele. A verdade é que há muitos motivos, a maioria dos quais muda todos os dias, como os treze miúdos do quarto ano que foram assassinados no início da semana quando um filho da mãe entrou aos tiros no ginásio da sua escola,

ou a miúda dois anos mais nova que eu que acabou de morrer de cancro, ou o homem que vi à porta do centro comercial a dar pontapés no cão, ou o meu pai.

Charlie até o pode pensar mas pelo menos não diz «Anormal», e por isso é o meu melhor amigo. Além do facto de gostar dele por causa disso, não temos muitas coisas em comum.

Tecnicamente, este ano estou num período de experiência. Isso deve-se a um pequeno incidente que envolveu uma carteira do liceu e um quadro-negro. (Para que conste, um quadro-negro é mais caro do que se pensa.) Também se deve a um episódio em que uma guitarra foi esmagada durante uma assembleia escolar, ao uso ilegal de fogos-de-artifício e, talvez, a uma ou duas brigas. Em resultado disso, fui obrigado a aceitar o seguinte: consultas semanais de aconselhamento, manter uma média de Bom e participar, no mínimo, numa actividade extracurricular. Escolhi macramé porque sou o único rapaz no meio de vinte raparigas relativamente interessantes e pareceu-me que teria bastantes hipóteses de dar umas quecas. Também tenho de ser bem-comportado, interagir bem com os meus colegas, abster-me de atirar carteiras e não me posso envolver em quaisquer «altercações físicas violentas». E, faça o que fizer, tenho sempre, sempre, de me calar, porque parece que o facto de não me calar está na base de todos os meus problemas. Se eu f... alguma coisa a partir de agora, serei expulso.

Na sala de aconselhamento, cumprimento a secretária e sento-me numa das desconfortáveis cadeiras de madeira até o Dr. Embry me chamar. Se conheço o Embrião — é assim que lhe chamo — como acho que conheço, vai querer saber que raio estava a fazer no campanário. Se tiver sorte, não teremos tempo para falar sobre muito mais coisas.

Poucos minutos depois, acena-me para me mandar entrar. É um homem baixo e forte como um touro. No instante em que fecha a porta, o sorriso desaparece. Senta-se, debruça-se sobre

a secretária e fita-me como se fosse um suspeito a quem tem de arrancar uma confissão.

— Que raio estavas a fazer no campanário?

O que gosto no Embrião é que ele, além de ser previsível, vai directo ao assunto. Conheço-o desde o décimo ano.

— Queria apreciar a vista.

— Estavas a pensar atirar-te?

— Não em dia de *pizza*. Nunca em dia de *pizza*, que é um dos melhores dias da semana. — Devo dizer que sou brilhante a mudar de conversa. Tão brilhante que conseguiria uma bolsa de estudos integral na universidade para me licenciar nessa matéria. Mas para quê? Já domino a arte na perfeição.

Espero que me faça perguntas sobre Violet, mas em vez disso diz:

— Preciso de saber se pensavas ou pensas suicidar-te. Estou a falar muito a sério. Se o director Wertz souber o que aconteceu, estás feito antes de eu conseguir dizer «suspensão», ou pior. Já para não falar no facto de que, se eu não prestar atenção e decidires voltar lá acima e saltar, serei processado, e, com o ordenado que me pagam, podes crer que não tenho dinheiro para me defender. Isso vai acontecer quer tu saltes do campanário ou da torre Purina, quer seja propriedade da escola ou não.

Passo a mão pelo queixo, como se estivesse mergulhado nos meus pensamentos.

— A torre Purina. Que boa ideia.

Ele não mexe um músculo, excepto para me observar com os olhos semicerrados. Como a maioria das pessoas do Midwest, o Embrião não tem sentido de humor, em particular quando estão em causa temas delicados.

— Não tem graça, Sr. Finch. Não é assunto para fazer piadas.

— Não, senhor. Peço desculpa.

— O problema é que os suicidas não pensam nas pessoas que os rodeiam. Não são apenas os pais e os irmãos, mas também os amigos, as namoradas, os colegas da escola e os professores.

— Gosto da maneira como parece pensar que tenho imensas pessoas a dependerem de mim, incluindo, não apenas uma, mas várias namoradas.

— Eu só estava a passar o tempo. Concordo que é capaz de não ter sido a melhor forma me baldar à primeira aula.

Pega num dossiê, pousa-o com força em cima da secretária e começa a folheá-lo. Espero enquanto ele lê. Depois, olha de novo para mim. Pergunto-me se está a contar os dias que faltam para as férias do Verão.

Levanta-se, como um polícia num filme, contorna a secretária e fica a pairar sobre mim. Encosta-se a esta, com os braços cruzados, e olho para além dele, à procura de um espelho igual aos das salas de interrogatório.

— Preciso de telefonar à tua mãe?

— Não. Nem pensar. — Nem pensar: *não, não, não*. — Foi uma estupidez. Eu só queria saber qual era a sensação de estar lá em cima a olhar para baixo. Nunca saltaria do campanário.

— Se voltar a acontecer, *se te passar pela cabeça* fazer aquilo de novo, telefono-lhe. E vais fazer uma análise toxicológica.

— Agradeço a sua preocupação. — Tento parecer o mais sincero possível, porque a última coisa que quero é um holofote maior e mais brilhante apontado para mim, a seguir-me pelos corredores do liceu ou por outras partes da minha vida, sejam estas quais forem. E a verdade é que gosto do Embrião. — Quanto às drogas, não precisa de perder o seu precioso tempo. A sério. A não ser que os cigarros contem. Drogas e eu? Não é uma boa combinação. Acredite, já experimentei. — Cruzo as mãos como um bom menino. — Quanto àquilo do campanário, apesar de não ter sido nada do que o senhor pensa, prometo que não voltará a acontecer.

— É isso mesmo... não voltará a acontecer. Quero-te aqui duas vezes por semana e não uma. Vens às segundas-feiras e às sextas para conversares comigo, só para ver como estás.

— Com todo o prazer, senhor... Eu, tipo, gosto muito destas nossas conversas... mas estou bem.

— Não é negociável. Agora, vamos falar sobre o final do semestre passado. Faltaste a quatro, quase cinco, semanas de aulas. A tua mãe diz que estiveste com gripe.

Na verdade, ele está a referir-se à minha irmã Kate, mas não o sabe. Foi ela quem telefonou para a escola enquanto estive apagado, porque a minha mãe já tem preocupações de sobra.

— Se é isso que ela diz, quem somos nós para contestar?

A verdade é que eu estava doente, mas não com uma simples gripe. Pela minha experiência, as pessoas são muito mais solidárias se nos *vêem* sofrer, e pela milésima vez na vida desejei ter sarampo, varicela ou outra doença facilmente compreensível só para facilitar a minha vida e a de todos. Qualquer coisa seria melhor do que a verdade: *Desliguei outra vez. Apaguei. Num instante estava bem e, no instante seguinte, a minha mente começou a arrastar-se num círculo, como um cão velho e cheio de artrite a tentar deitar-se. Depois desliguei e dormi, mas não como as pessoas dormem todas as noites. Imaginem um sono longo e escuro, sem qualquer sonho.*

O Embrião semicerra de novo os olhos e observa-me com intensidade, tentando intimidar-me.

— Posso confiar que vens às aulas e que vais manter-te afastado de problemas este semestre?

— Claro que sim.

— E que vais fazer os trabalhos?

— Sim, senhor.

— Vou marcar a análise toxicológica com a enfermeira. — Ele corta o ar com o dedo e aponta para mim. — Experiência significa «período para testar a adequação da pessoa; período em que o aluno tem de melhorar». Se não acreditas, podes confirmar, e, por amor de Deus, mantém-te vivo.

O que eu não digo é: quero continuar vivo. E não o faço porque, tendo em conta o gordo dossiê que tem à sua frente, ele nunca acreditaria. E há outra coisa em que nunca acreditaria — que estou a esforçar-me para viver neste horrível mundo de merda. Estar no parapeito do campanário não é para morrer. É para ter controlo. Para nunca mais voltar a dormir.

O Embrião procura na secretária e pega numa pilha de panfletos para «Adolescentes em Perigo». Depois, diz-me que não estou sozinho e posso falar com ele sempre que quiser, a sua porta está aberta, ele está aqui e espera-me na segunda-feira. Quero dizer, sem ofensa, que isso não é um grande consolo para mim. No entanto, agradeço-lhe por causa das suas olheiras e das rugas de fumador em redor da boca. Provavelmente, vai acender um cigarro assim que eu sair. Pego num monte de panfletos e saio do gabinete. Ele nem sequer mencionou Violet, e sinto-me aliviado.

VIOLET

154 dias para terminar o secundário

Sexta-feira de manhã. Gabinete da Dr.^a Marion Kresney, psicóloga da escola, uma mulher com olhos pequenos e bondosos e um sorriso demasiado grande para o rosto. Segundo o certificado pendurado na parede, trabalha no Liceu Bartlett há quinze anos. Esta é a nossa décima segunda consulta.

O meu coração continua a bater acelerado e as minhas mãos ainda tremem por ter estado naquele parapeito. Sinto todo o corpo gelado e só me apetece deitar-me. Espero que a Dr.^a Kresney diga: *Eu sei o que fizeste no primeiro tempo, Violet Markey. Os teus pais vêm a caminho. Há médicos a postos para te levarem para o hospital psiquiátrico mais próximo.*

No entanto, começamos como sempre.

— Como estás, Violet?

— Estou bem, e a senhora? — Sento-me por cima das mãos.

— Estou bem. Vamos falar de ti. Quero saber como te sentes.

— Sinto-me bem. — Só porque não tocou no assunto, não quer dizer que não saiba. Ela quase nunca pergunta as coisas directamente.

— Tens dormido bem?

Os pesadelos começaram um mês depois do acidente. Ela faz perguntas sobre isso sempre que venho cá porque cometi o erro de contar à minha mãe, que lhe disse. Esse é um dos principais motivos por que estou aqui e por que deixei de contar coisas à minha mãe.

— Tenho dormido bem.

Uma das características da Dr.^a Kresney é que sorri sempre, sempre, aconteça o que acontecer. Gosto disso nela.

— Algum pesadelo?

— Não.

Eu costumava anotar os meus pesadelos, mas deixei de o fazer. Recordo-me de cada pormenor. Como o que tive há quatro semanas, em que estava, literalmente, a derreter. No sonho, o meu pai disse: «Chegaste ao fim, Violet. Chegaste ao teu limite. Todos temos um limite, e o teu é agora.» *Mas eu não quero que seja.* Vi os meus pés transformarem-se em poças e desaparecerem. Depois, foram as mãos. Não doeu, e recordo-me de pensar: *Não devia importar-me, porque não dói. Só estou a desaparecer.* Mas importei-me quando, membro a membro, o resto de mim ficou invisível antes de eu acordar.

A Sr.^a Kresney mexe-se na cadeira, com o seu sorriso fixo no rosto. Pergunto-me se também sorri enquanto dorme.

— Vamos falar sobre a universidade.

No ano passado, por esta altura, teria adorado conversar sobre a universidade. A Eleanor e eu costumávamos fazer isso de vez em quando, depois de os nossos pais irem dormir. Quando estava calor sentávamo-nos lá fora, e ficávamos dentro de casa se fazia muito frio. Imaginávamos os lugares para onde iríamos e as pessoas que conheceríamos, muito longe de Bartlett, Indiana, com catorze mil novecentos e oitenta e três habitantes, onde nos sentíamos como extraterrestres de um planeta distante.

— Candidataste-te à UCLA, Stanford, Berkeley, Universidade da Florida, Universidade de Buenos Aires, Universidade das Caraíbas do Norte e Universidade Nacional de Singapura. É uma lista muito diversificada, mas o que aconteceu à UNI?

O curso de Escrita Criativa da UNI era o meu sonho desde o Verão antes do sétimo ano. Isso aconteceu devido à visita que fiz a Nova Iorque com a minha mãe, que é professora universitária e escritora. Ela fez o mestrado na UNI e, durante três semanas, nós os quatro visitámos a cidade e convivemos com os seus antigos

professores e colegas — romancistas, dramaturgos, argumentistas, poetas. O meu plano era candidatar-me para entrar mais cedo, em Outubro. Mas depois aconteceu o acidente e mudei de ideias.

— Deixei passar o prazo de inscrição. — O prazo para a admissão regular foi há uma semana. Eu preenchi tudo, até escrevi a dissertação, mas não enviei nada.

— Vamos conversar sobre a escrita. Vamos conversar sobre o *site*.

Está a referir-se ao EleanoreViolet.com. Eleanor e eu criámos o *site* quando viemos viver para o Indiana. Queríamos fazer uma revista *online* que oferecesse duas perspectivas (muito) diferentes sobre moda, beleza, rapazes, livros, vida. No ano passado, Gemma Sterling (a estrela de *Rant*, a famosa série da internet), amiga de Eleanor, mencionou-nos numa entrevista e o número de seguidores triplicou. Mas eu não voltei a entrar no *site* desde que Eleanor morreu. De que adiantaria? Era um *site* sobre irmãs. Além disso, no instante em que voámos pelo rail de protecção, as minhas palavras também morreram.

— Não quero falar sobre o *site*.

— A tua mãe é escritora, não é? Os seus conselhos devem ser muito úteis.

— Jessamyn West disse: «É tão difícil escrever que, depois de viverem o seu inferno na Terra, os escritores escaparão a todos os castigos na outra vida.»

O seu rosto ilumina-se ao ouvir a citação.

— Achas que estás a ser castigada? — Refere-se ao acidente. Ou talvez se refira ao facto de eu estar aqui neste gabinete, nesta escola, nesta cidade.

— Não. — *Eu sinto que deveria ser castigada?* Sim. Por que outro motivo fiz esta franja?

— Achas que és responsável pelo que aconteceu?

Arranjo a franja. Está torta.

— Não.

Ela recosta-se na cadeira. O seu sorriso altera-se quase imperceptivelmente. Ambas sabemos que estou a mentir. Pergunto-me

o que diria se lhe contasse que uma hora antes alguém tentava convencer-me a sair do parapeito do campanário. Agora, tenho quase a certeza de que ela não sabe.

— Já voltaste a conduzir?

— Não.

— Já tiveste coragem para andar de carro com os teus pais?

— Não.

— Mas eles querem que o faças. — Não é uma pergunta. Fala como se tivesse conversado com um deles, ou os dois, e é o que deve ter acontecido.

— Não estou pronta. — Estas são as três palavras mágicas. Descobri que me livram de quase tudo.

Ela inclina-se para a frente.

— Já pensaste em voltar para a claque?

— Não.

— Para a associação de estudantes?

— Não.

— Ainda tocas flauta na orquestra?

— Sou a última cadeira. — Esta é uma coisa que não mudou desde o acidente. Sempre fui a última cadeira porque não sou muito boa a tocar flauta.

Recosta-se de novo na cadeira. Por instantes, penso que desistiu, mas depois diz:

— Estou preocupada com a tua evolução, Violet. Com franqueza, neste momento já devias estar melhor. Não podes evitar os carros para sempre, em particular agora que estamos no Inverno. Não podes ficar paralisada. Tens de te lembrar de que és uma sobrevivente, e isso significa...

Nunca saberei o que isso significa porque, no instante em que oiço a palavra «sobrevivente», levanto-me e saio.

A caminho da quarta aula. Corredor da escola.

Pelo menos quinze pessoas — algumas que conheço, outras não, algumas que não falam comigo há meses — fazem-me parar

enquanto me dirijo à sala de aula para me dizerem como fui corajosa ao evitar que Theodore Finch se suicidasse. Uma das raparigas do jornal do liceu quer fazer-me uma entrevista.

De todas as pessoas que eu poderia ter «salvo», Theodore Finch é a pior escolha possível porque é uma lenda no Bartlett. Não o conheço muito bem, mas sei *quem* ele é. Toda a gente sabe *quem* ele é. Algumas pessoas detestam-no porque o acham esquisito, porque se mete em confusões, é suspenso do liceu e só faz o que quer. Outras idolatram-no porque o acham esquisito, porque se mete em confusões, é suspenso do liceu e só faz o que quer. Toca guitarra em cinco ou seis bandas diferentes e no ano passado gravou um disco. Mas é um bocado... radical. Como quando veio para o liceu pintado de vermelho da cabeça aos pés, e nem sequer era semana de praxes. A algumas pessoas disse que estava a protestar contra o racismo e, a outras, contra o consumo de carne. No décimo ano, usou uma capa todos os dias durante um mês inteiro, atirou uma carteira contra um quadro-negro e partiu-o ao meio, roubou as rãs para dissecção do laboratório de Biologia e fez-lhes um funeral antes de as enterrar no campo de basebol. A grande Anna Faris disse que o segredo para sobreviver no liceu é «passar despercebido». Finch faz precisamente o contrário.

Chego cinco minutos atrasada à aula de Literatura Russa, onde a professora Mahone está a mandar fazer um trabalho de dez páginas sobre *Os Irmãos Karamazov*. Todos resmungam menos eu porque, apesar do que a Dr.^a Kresney parece pensar, tenho Circunstâncias Atenuantes.

Nem sequer oiço com atenção a professora Mahone a explicar o que quer. Em vez disso, puxo uma linha da saia. Dói-me a cabeça. Deve ser por causa dos óculos. Os olhos de Eleanor estavam em pior estado que os meus. Tiro os óculos e pouso-os sobre o tampo da carteira. Ficavam-lhe bem. Em mim, ficam horríveis. Especialmente com a franja. No entanto, se os usar durante muito tempo, talvez seja capaz de ser como ela. Talvez consiga ver o mesmo que ela. Posso ser as duas ao mesmo tempo para que ninguém sinta a sua falta, sobretudo eu.

O que acontece é que tenho dias bons e dias maus. Quase me sinto culpada por dizer que não são todos maus. Alguma coisa apanha-me desprevenida — um programa de televisão, uma piada do meu pai, um comentário na aula — e rio como se nada tivesse acontecido. Sinto-me normal de novo, o que quer que isso seja. Algumas manhãs acordo e começo a cantar enquanto me arranjo. Ou então aumento o volume do rádio e danço. Na maioria dos dias, vou a pé para o liceu. Outros vou de bicicleta, e por vezes a minha cabeça prega-me partidas e penso que sou uma miúda normal a dar um passeio.

Emily Ward toca-me nas costas e passa-me um bilhete. Como a professora Mahone recolhe os telemóveis no início de todas as aulas, temos de conversar à moda antiga, com recados escritos em folhas de caderno.

É verdade que impediste que o Finch se suicidasse? Bj Ryan. Só há um Ryan nesta sala de aula — algumas pessoas diriam que só há um Ryan no liceu inteiro, talvez até no mundo —, e é o Ryan Cross.

Ergo a cabeça e olho para ele, que está a duas filas de distância. É lindo de morrer. Ombros largos, cabelo castanho-dourado, olhos verdes e sardas suficientes para parecer acessível. Namorámos até Dezembro, mas agora estamos a dar um tempo.

Pouso o bilhete em cima da carteira durante cinco minutos antes de responder. Por fim, escrevo: ***Eu estava lá por acaso. Bj. V.*** Menos de um minuto depois, entregam-me de novo o bilhete, mas desta vez não o abro. Penso em quantas miúdas adorariam receber um bilhete de Ryan Cross. A Violet Markey da última Primavera teria sido uma delas.

Quando a campainha toca, deixo-me ficar para trás. Ryan demora um pouco a sair, à espera, para ver o que vou fazer, mas quando não me levanto pega no telemóvel e sai.

— Queres alguma coisa, Violet? — pergunta a professora Mahone.

Dez páginas não são um drama. Quando os professores pediam dez, eu escrevia vinte. Se queriam vinte, eu entregava-lhes

trinta. Escrever era o que fazia melhor, melhor até que ser filha, namorada ou irmã. Escrever fazia parte de mim. Mas agora escrever é uma das coisas que não consigo fazer.

Não preciso de dizer quase nada, nem sequer «não estou pronta». Está no livro não escrito de regras da vida, no capítulo Como Reagir Quando Um Aluno Perde Um Ente Querido e, Nove Meses Depois, Ainda Sente Grandes Dificuldades.

A professora Mahone suspira e devolve-me o telemóvel.

— Entrega-me uma página ou um parágrafo, Violet. Faz o melhor que conseguires. — As minhas Circunstâncias Atenuantes salvam o dia.

Ryan está à minha espera à porta da sala de aula. Percebo que tenta resolver o quebra-cabeças para poder transformar-me de novo na namorada divertida que tinha.

— Hoje estás linda — diz.

É simpático ao ponto de não ficar a olhar para o meu cabelo.

— Obrigada.

Por cima do ombro de Ryan, vejo Theodore Finch passar com um andar empertigado. Faz um gesto com a cabeça na minha direcção, como se soubesse algo que desconheço, e continua o seu caminho.

FINCH

Sexto dia (ainda) acordado

Agora do almoço já todo o liceu sabe que Violet Markey impediu que Theodore Finch se atirasse do campanário. A caminho da aula de Geografia dos Estados Unidos, vou pelo corredor atrás de um grupo de miúdas que não param de falar sobre isso, sem fazerem ideia de que sou o Theodore Finch em pessoa.

Falam todas ao mesmo tempo, com aquele tom de voz agudo que parece acabar sempre em interrogações, do género: *Ouvi dizer que ele estava armado? E que ela teve de lhe tirar a arma da mão à força? A minha prima Stacey, que anda no New Castle, diz que ela e uma amiga foram a um bar, em Chicago, onde ele estava a tocar e, tipo, curtiu com as duas? Bem, o meu irmão estava lá quando ele rebentou as bombas de Carnaval e contou-me que antes de a polícia aparecer ele disse: «A não ser que queiram pagar-me o dinheiro que gastei, vou esperar pelo fim?»*

Ao que parece, sou trágico e perigoso. Boa, penso. *Isso mesmo. Estou aqui e agora, não só acordado mas Acordado, e vão ter de me aguentar porque estou aqui para ficar.* Inclino-me para elas e digo:

— Ouvi dizer que ele fez aquilo por causa de uma miúda.
— e continuo a andar muito emproado para a sala de aula.

Depois de entrar na sala, sento-me no meu lugar e sinto-me infame, invencível, inquieto e estranhamente alegre, como se tivesse acabado de escapar, e bem, da morte. Olho em volta,

mas ninguém me presta atenção nem ao professor Black, que é, literalmente, o homem maior que já vi. O seu rosto é tão vermelho que parece estar sempre à beira de uma insolação ou de um ataque cardíaco, e arqueja quando fala.

Durante o tempo que vivi no Indiana, que foi a minha vida toda — os anos de purgatório, como lhes chamo —, parece que vivemos a apenas vinte quilómetros do ponto mais alto do Estado. Ninguém mo disse, nem os meus pais, as minhas irmãs ou os meus professores, e fiquei a saber agora, neste exacto minuto, no tema «Percorrer o Indiana» da aula de Geografia — um tema instituído este ano pelo Conselho Directivo para tentar «ensinar aos alunos a riqueza histórica que existe no nosso Estado e inspirar o orgulho de nascer no Indiana».

Não é uma piada.

O professor Black senta-se na sua cadeira e pigarreja.

— Haverá uma forma melhor e mais... apropriada para iniciar... o semestre do que começando... pelo ponto mais alto? — O professor Black arqueja tanto que é difícil perceber se está mesmo impressionado com as informações que transmite. — O monte Hoosier está... trezentos e oitenta metros acima do nível do mar... e fica no pátio... de uma casa de família... Em 2005, um escuteiro do Kentucky... foi autorizado a... construir um trilho e uma zona para piqueniques... e colocou uma placa...

Levanto a mão, mas o professor Black ignora-me.

Enquanto fala, deixo a mão no ar e penso: *E se eu fosse lá e ficasse de pé no ponto mais alto? As coisas pareceriam diferentes a trezentos e oitenta metros de altura? Não parece ser muito alto mas as pessoas têm orgulho nele, e quem sou eu para dizer que trezentos e oitenta metros não é uma altura bastante impressionante?*

Por fim, ele faz-me um sinal com a cabeça, com os lábios tão apertados que parece que os engoliu.

— Sim, Sr. Finch? — Solta um suspiro que parece ter saído de um homem de cem anos e lança-me um olhar apreensivo e desconfiado.

— Sugiro uma visita de estudo. Temos de ver os lugares maravilhosos do Indiana enquanto podemos, porque pelo menos alguns de nós iremos acabar o liceu e sair deste grandioso Estado no fim deste ano, e como poderemos conhecê-lo a sério apenas com a formação básica oferecida por um dos piores sistemas educativos públicos da nação? Além disso, é difícil imaginar um lugar sem o vermos. É como o Grand Canyon ou o Parque Yosemite. É preciso ir lá para apreciar verdadeiramente o seu esplendor.

Estou a ser apenas vinte por cento sarcástico, mas o professor Black diz:

— Obrigado, Sr. Finch. — O tom significa precisamente o oposto de um agradecimento.

Eu começo a desenhar montanhas no meu caderno, em homenagem ao ponto mais alto do nosso Estado, mas mais parecem protuberâncias disformes ou cobras voadoras, não consigo decidir.

— O Theodore tem razão quando diz... que alguns de vocês vão viver para longe... no fim deste ano lectivo. Vão deixar o nosso... grande Estado... e antes de irem... deviam... conhecê-lo. Deviam... passear...

Um barulho no outro lado da sala interrompe-o. Alguém que chegou atrasado deixou cair um livro e, ao apanhá-lo, os outros livros caíram no meio do chão. O que segue são risadas, porque estamos no liceu, o que significa que somos previsíveis e quase tudo é engraçado, sobretudo se for a humilhação pública de alguém. A miúda que deixou cair os livros foi Violet Markey, a mesma Violet Markey do campanário. Fica muito vermelha de vergonha e percebo que lhe apetece morrer. Não uma morte do tipo atirar-se de uma grande altura, mas do género: *Por favor, terra, engole-me inteira.*

Conheço essa sensação melhor do que a minha própria mãe, as minhas irmãs ou Charlie Donahue. Essa sensação acompanhou-me durante toda a minha vida. Como quando bati com a cabeça durante um jogo de futebol e fiz um traumatismo craniano à frente da Suze Haines; ou quando me ri tanto que

algo saiu disparado do meu nariz e aterrou no Gabe Romero; ou durante todo o oitavo ano.

Assim, como estou habituado a isto e Violet está prestes a debulhar-se em lágrimas, atiro um dos meus livros para o chão. Todos os olhares viram-se para mim. Baixo-me para o apanhar e atiro de propósito todos os outros ao ar — fazendo-os bater nas paredes, nas janelas, em cabeças — e, só para jogar pelo seguro, inclino a cadeira para cair no chão. Tudo isto é acompanhado por risadas, aplausos, um ou dois gritos de «anormal» e a voz do professor Black a dizer, ofegante:

— Se já terminou... Theodore... gostaria muito de continuar.

Levanto-me, endireito a cadeira, faço uma vénia, apanho os livros, faço nova vénia, sento-me e sorrio para Violet, que me olha com uma expressão que só pode ser descrita como de surpresa, alívio e outra coisa qualquer — talvez preocupação. Eu gostaria de acreditar que também há um pouco de desejo, mas pode ser apenas a minha imaginação. Brindo-a com o meu melhor sorriso, aquele que faz a minha mãe perdoar-me quando chego muito tarde de casa ou por ser apenas estranho. (Outras vezes, vejo a minha mãe a olhar-me — *quando* ela me olha — como se pensasse: *De onde raio é que tu vieste? Só podes ter herdado isso do teu pai.*)

Violet sorri-me e sinto-me logo bem, tanto porque ela está melhor como pela maneira como me sorri, como se eu não fosse uma coisa a evitar. É a segunda vez que a salvo no mesmo dia. *O Theodore é demasiado sensível*, costuma dizer a minha mãe. *Demasiado sensível para o seu próprio bem*. Diz isto em tom de crítica, e é assim que o interpreto.

O professor Black olha para Violet e depois para mim.

— Como estava a dizer... o vosso trabalho para esta... aula é escrever sobre... pelo menos duas, de preferência três... maravilhas do Indiana.

Apetece-me perguntar «Qual é o critério?», mas estou distraído a observar Violet enquanto ela se concentra no quadro, ainda a esboçar um sorriso no canto da boca.

O professor Black continua a falar, dizendo que podemos escolher os lugares que mais nos fascinam, por muito obscuros ou distantes que sejam. A nossa missão é visitar cada um desses lugares, tirar fotografias, filmar, pesquisar a sua história a fundo e dizer-lhe o que nos deixa orgulhosos por vivermos no Indiana. Se for possível relacioná-los de alguma maneira, tanto melhor. Temos até ao final do semestre para terminar o trabalho e devemos levá-lo a sério.

— Vocês vão trabalhar... em grupos de... dois. Este trabalho vale... trinta e cinco por cento... da vossa nota final...

Ergo de novo a mão.

— Podemos escolher os nossos parceiros?

— Sim.

— Escolho a Violet Markey.

— Podes combinar... com ela depois da aula.

Viro-me para olhar para ela, com o cotovelo apoiado nas costas da cadeira.

— Violet Markey, gostava de fazer este trabalho contigo.

O seu rosto fica corado quando todos a olham.

— Pensei que talvez pudesse fazer outra coisa... talvez pesquisar e escrever um pequeno texto. — Fala baixo, mas parece um pouco irritada. — Não estou pronta para...

Ele interrompe-a:

— Menina Markey, eu vou... fazer-lhe o maior... favor da sua vida... Vou dizer... não.

— Não?

— Não. É um novo ano... chegou o momento de recuperar... as rédeas da sua vida.

Algumas pessoas riem-se ao ouvirem isto. Violet olha para mim e percebo que, na verdade, está irritada, e depois lembro-me do acidente. Violet e a irmã, na última Primavera. Violet sobreviveu, a irmã morreu. É por isso que ela não quer atenção.

O professor Black passa o resto da aula a falar sobre os lugares de que poderemos gostar e que temos mesmo de ver antes de terminarmos o liceu — os pontos turísticos habituais, como

o Conner Prairie, a Casa de Levi Coffin, o Museu Lincoln e a casa onde James Whitcomb Riley viveu durante a infância —, mas sei que quase todos nós ficaremos nesta cidade até morreremos.

Tento chamar a atenção de Violet uma vez mais, mas ela não olha para cima. Em vez disso, encolhe-se na cadeira e olha em frente.

Fora da sala de aula, Gabe Romero bloqueia-me a passagem. Como sempre, não está sozinho. Amanda Monk está atrás dele, com a anca espetada, entre Joe Wyatt e Ryan Cross. Ryan é um tipo descontraído, decente, simpático, atleta, aluno excelente e subdelegado da turma. O seu pior defeito é que sabe exactamente quem é desde o jardim-de-infância.

— É bom que não te apanhe outra vez a olhares para mim — diz Roamer.

— Eu não estava a olhar para ti. Acredita que há pelo menos umas cem coisas naquela sala para onde olharia antes de olhar para ti, incluindo a grande peida nua do professor Black.

— Bichona.

Como Roamer e eu somos inimigos assumidos desde o segundo ciclo, ele empurra os livros que tenho nas mãos e, embora isso seja *bullying* típico do sexto ano, sinto uma conhecida granada preta de fúria — como uma velha amiga — a explodir-me no estômago e o seu fumo espesso e tóxico subir e espalhar-se pelo meu peito. É a mesma sensação que tive no ano passado, momentos antes de pegar numa carteira e a atirar — não a Roamer, como ele quer que todos acreditem, mas ao quadro-negro da sala do professor Geary.

— Apanha-os, anormal. — Roamer passa por mim e, com o ombro, bate-me com força no peito. Apetece-me esmagar-lhe a cabeça contra um cacifo, enfiar-lhe a mão na garganta e puxar-lhe o coração pela boca, porque estar Acordado faz com que tudo em nós esteja vivo, dorido e a compensar o tempo perdido.

No entanto, em vez disso, conto até sessenta com um sorriso imbecil estampado na minha cara imbecil. *Não vou ser suspenso. Não vou ser expulso. Vou ser ajuizado. Vou ficar calado. Vou ficar quieto.*

O professor Black está na soleira da porta e tento acenar-lhe descontraidamente, para lhe mostrar que está tudo bem, está tudo sob controlo, não há nada para ver, as palmas das mãos não estão a formigar, a pele não está a queimar, o sangue não corre nas veias, por favor siga o seu caminho. Prometi a mim mesmo que este ano será diferente. Se continuar a controlar tudo, incluindo eu, talvez consiga ficar acordado e aqui, não apenas meio aqui, mas aqui, no presente e agora.

A chuva parou e Charlie Donahue e eu estamos encostados ao seu carro no parque de estacionamento, sob o sol pálido de Janeiro, enquanto ele fala sobre aquilo de que mais gosta além da sua pessoa — sexo. A nossa amiga Brenda está a ouvir, a segurar os livros contra os grandes, grandes seios e o cabelo a brilhar em tons de cor-de-rosa e vermelho.

Charlie passou as férias de Natal a trabalhar no cinema do centro comercial e parece que deixou as miúdas boazonas entrarem sem pagar. Graças a isso, conseguiu engatar mais miúdas do que alguma vez imaginou, principalmente na fila do fundo, para deficientes, cujas cadeiras não têm apoios para os braços.

Ele acena na minha direcção.

— E tu?

— Eu o quê?

— Por onde andaste?

— Por aí. Não me apetecia vir às aulas, por isso meti-me no carro e não olhei para trás. — Não sou capaz de explicar o Sono aos meus amigos e, mesmo que o conseguisse, não valeria a pena. Uma das coisas de que mais gosto no Charlie e na Bren é que não preciso de me explicar. Apareço, desapareço e *Tudo bem, é apenas o Finch.*

Charlie acena de novo.

— Temos de arranjar maneira de dares uma queca. — É uma referência indirecta ao incidente no campanário Se eu fizer sexo, não tentarei suicidar-me. Na opinião de Charlie, curtir com alguém cura tudo. Se os líderes mundiais tivessem sexo bom e regular, talvez os problemas do mundo acabassem.

Brenda franze o sobrolho.

— És um porco, Charlie.

— Tu amas-me.

— Isso era o que tu querias. Porque não és como o Finch? Ele é um cavalheiro. — Não são muitas as pessoas que dizem isso sobre mim, mas uma coisa fantástica na vida é que podemos ser alguém diferente para cada pessoa.

— Deixem-me fora do assunto — digo.

Bren abana a cabeça.

— Não, estou a falar a sério. É raro encontrarmos cavalheiros. São como virgens ou duendes. Se algum dia me casar, vai ser com um...

Não resisto a perguntar:

— Virgem ou duende?

Ela bate-me no braço.

— Há uma diferença entre um cavalheiro e um gajo sem jeito. — Charlie aponta para mim. — Sem ofensa, meu.

— Tudo bem. — No fundo é verdade, pelo menos em comparação com ele, e o que quer dizer é que tenho azar com as mulheres. Envolver-me sempre com as cabras, as doidas ou as que fingem que não me conhecem quando estão com outras pessoas.

A verdade é que quase não ouço, porque, por cima do ombro de Bren, vejo-a de novo — Violet. Já sinto que estou a apaixonar-me — e sou famoso por isso. (Suze Haines, Laila Collman, Annalise Lemke, as três Brianas — Briana Harley, Briana Bailey, Briana Boudreau...) Só porque ela sorriu para mim. Mas foi um sorriso lindo. Um sorriso genuíno, que é algo difícil de encontrar hoje em dia. Em particular quando se é o Theodore Anormal, a Aberração Residente.

Bren vira-se para ver para onde estou a olhar. Abana a cabeça com um sorriso afectado que me faz proteger o braço.

— Céus, os rapazes são todos iguais.

Em casa, a minha mãe está a falar ao telefone e a descongelar um dos guisados que a minha irmã Kate prepara no início de cada semana. Acena-me e continua a falar. Kate desce as escadas a correr, pega nas chaves do seu carro que estão em cima da bancada e diz:

— Até logo, falhado.

Tenho duas irmãs — Kate, apenas um ano mais velha que eu, e Decca, que tem oito anos. É evidente que ela foi um acidente, e percebeu isso aos seis anos. Porém, todos sabemos que, se alguém foi um erro, esse alguém sou eu.

Vou para o andar de cima com os sapatos molhados a chia-rem no chão, e fecho a porta do meu quarto. Escolho um disco antigo de vinil ao acaso e coloco-o no gira-discos que encontrei na cave. O disco salta e está riscado, parece uma coisa da década de 1920. Agora estou numa fase Split Enz, daí as sapatilhas. Estou a experimentar um Theodore Finch dos anos 80, a ver como se adapta.

Procuro um cigarro na escrivaninha, ponho-o na boca e, enquanto pego no isqueiro, lembro-me de que o Theodore Finch dos anos 80 não fuma. Céus, como o odeio, aquele cretino muito certinho. Deixo o cigarro na boca sem o acender, tentando mastigar a nicotina, pego na guitarra, toco a acompanhar a música, desisto e sento-me ao computador, virando a cadeira para me sentar ao contrário, pois é a única maneira de conseguir escrever.

Digito: 5 de Janeiro. Método: campanário do liceu. De um a dez na escala de até-que-ponto-estive-perto: cinco. Factos: os suicídios aumentam quando há lua cheia e nos feriados. Um dos saltadores mais famosos foi Roy Raymond, o criador da Victoria's Secret. Facto relacionado: em 1912, um homem chamado Franz Reichelt saltou da torre Eiffel com um pára-quedas que ele próprio fez. Saltou para

testar a sua invenção — esperava voar — mas caiu a pique, atingindo o solo como um meteoro e deixando uma cratera de quinze centímetros devido ao impacto. Ele queria suicidar-se? Duvido. Penso que era apenas arrogante e estúpido.

Uma pesquisa rápida na internet revela que apenas cinco a dez por cento das pessoas que se suicidam o fazem saltando de algum lugar (pelo menos é o que afirma a Universidade Johns Hopkins). Aparentemente, esta forma de suicídio é, regra geral, escolhida por conveniência, e é por isso que lugares como São Francisco e a ponte Golden Gate (o destino mais procurado do mundo para suicídios) são tão famosos. Aqui, só temos a torre Purina e um monte com trezentos e oitenta metros de altura.

Escrevo: **Motivos para não saltar: demasiada sujidade. Demasiado público. Demasiadas pessoas.**

Saio do Google e entro no Facebook. Acedo à página de Amanda Monk porque é amiga de todas as pessoas, mesmo daquelas de quem não é amiga, entro na sua lista de amigos e digito «Violet».

E ali está ela. Clico na fotografia e ela aparece, ainda maior, com o mesmo sorriso com que me brindou no liceu. É preciso ser seu amigo para ler o perfil e ver o resto das fotografias. Fico sentado a olhar para o ecrã, de repente desesperado para saber mais. Quem é Violet Markey? Faço uma pesquisa no Google, porque é possível que exista uma entrada secreta para a sua página de Facebook, uma entrada que requer um acesso especial ou um código de três dígitos, algo que se descubra facilmente.

Encontro um *site* chamado EleanoreViolet.com, que lista Violet Markey como co-criadora/editora/autora. Tem os habituais *posts* sobre rapazes-e-beleza, sendo o mais recente de 3 de Abril do ano passado. Também encontro uma notícia.

Eleanor Markey, de dezoito anos, aluna do último ano do Liceu Bartlett e membro da associação de estudantes, perdeu o controlo do seu carro na ponte da Rua A, aproximadamente às 00h45 de 5 de Abril. Gelo na estrada e excesso de

velocidade podem estar na origem do acidente. Eleanor teve morte imediata. A irmã Violet, de dezasseis anos, que viajava no banco do passageiro, sofreu apenas ferimentos ligeiros.

Leio e releio aquela notícia com um nó no estômago. E depois faço algo que jurei que nunca faria. Crio uma conta no Facebook só para poder enviar-lhe um pedido de amizade. Ter Facebook vai fazer com que pareça sociável e normal e talvez equilibre o facto de nos termos encontrado à beira do suicídio e a faça sentir que é seguro conhecer-me. Tiro uma fotografia a mim mesmo com o telemóvel, acho que estou sério de mais, tiro outra — com uma expressão muito palerma — e acabo por escolher a terceira, que está algures no meio.

Ponho o computador a hibernar para não ir espreitar de cinco em cinco minutos e a seguir toco guitarra, leio algumas páginas de *Macbeth*, faço os trabalhos de casa e janto com Decca e a minha mãe, uma tradição que começou no ano passado, depois do divórcio. Embora não goste muito de comer, o jantar é um dos momentos mais agradáveis do meu dia porque consigo desligar o cérebro.

— Conta-me o que aprendeste hoje, Decca — diz a nossa mãe. Ela nunca se esquece de fazer perguntas sobre a escola, para sentir que cumpriu o seu dever. É a sua maneira preferida de começar.

— Aprendi que o Jacob Barry é um cretino — responde Dec. Ultimamente, usa uma linguagem mais agressiva para tentar provocar uma reacção à mãe, para ver se está mesmo a escutar.

— Decca — diz a nossa mãe sem grande convicção, pois não está muito interessada na conversa.

Decca começa a contar-nos que um rapaz chamado Jacob colou as mãos na carteira para não ter de fazer o teste de Ciências, mas, quando tentaram descolar as mãos da madeira, a pele ficou agarrada à cola. Os olhos de Decca brilham como os de um pequeno animal raivoso. É evidente que, para ela, o rapaz teve o que merecia, e depois é a própria quem o confirma.

De repente, a minha mãe começa a prestar atenção.

— Decca. — Abana a cabeça. É até onde vai o seu papel de mãe. Desde que o meu pai se foi embora, tem-se esforçado imenso para ser uma mãe muito fixe. Sinto pena dela porque ainda o ama, apesar de ele ser egoísta e reles e a ter trocado por uma mulher chamada Rosemarie, com ênfase numa das letras — ninguém consegue lembrar-se qual —, e por causa de uma coisa que me disse no dia em que ele se foi embora: «Nunca pensei ficar sozinha aos quarenta anos.» Foi mais a maneira como falou e não tanto as palavras em si. Fez aquela situação parecer completamente *definitiva*.

Desde então, faço os possíveis para ser agradável e calmo, tentando parecer o mais pequeno e invisível possível — o que inclui fingir ir às aulas quando estou a dormir, mesmo a *Dormir* —, para não aumentar ainda mais o seu fardo. Nem sempre sou bem-sucedido.

— Como foi o teu dia, Theodore?

— Bestial. — Espalho a comida pelo prato, tentando criar um padrão. O problema de comer é que há imensas coisas muito mais interessantes para fazer. Também sinto o mesmo em relação a dormir. São uma verdadeira perda de tempo.

Facto interessante: um chinês morreu devido a privação do sono depois de estar acordado durante onze dias seguidos enquanto tentava assistir a todos os jogos do Campeonato Europeu (futebol, para aqueles que, como eu, não fazem ideia do que é). Na décima primeira noite, viu a Itália vencer a Irlanda por 2-0, tomou um duche e adormeceu por volta das cinco da manhã. E morreu. Não é minha intenção ofender o morto, mas é uma estupidez ficar acordado por causa do futebol.

A minha mãe parou de comer para observar a minha expressão. Quando presta atenção, o que não acontece com muita frequência, esforça-se verdadeiramente por ser compreensiva em relação à minha «tristeza», tal como tenta ser paciente quando Kate fica fora de casa a noite toda e Decca é chamada ao gabinete do director da escola. A minha mãe atribui as culpas do nosso

mau comportamento ao divórcio e ao meu pai. Diz que precisamos de tempo para ultrapassar a situação.

Com menos sarcasmo, acrescento:

— Não foi mau. Rotineiro. Chato. Típico.

Mudamos para assuntos mais banais, como a casa que a minha mãe está a tentar vender a uns clientes e o estado do tempo.

Quando acabamos de jantar, a minha mãe pouisa a mão no meu braço, com as pontas dos dedos a roçarem na minha pele, e diz:

— Não é bom teres o teu irmão de volta, Decca? — Fala como se eu corresse o risco de desaparecer de novo, mesmo à frente dos seus olhos. O tom de leve acusação na sua voz faz-me encolher e dá-me vontade de ir novamente para o meu quarto e ficar lá. Apesar de tentar perdoar a minha tristeza, quer poder contar comigo como o homem da casa e, embora pense que estive na escola durante todo aquele período de quatro, quase cinco, semanas, faltei a muitos jantares de família. Afasta os dedos e ficamos livres, e é exactamente assim que agimos, cada um a fugir numa direcção diferente.

São quase dez horas e já foram todos para a cama excepto a Kate, que ainda não chegou, quando ligo de novo o computador e entro no Facebook.

Violet Markey aceitou o seu pedido de amizade, diz.

Agora somos amigos.

Apetece-me gritar e correr pela casa, talvez subir para o telhado e abrir os braços, mas nem pensar em saltar. Em vez disso, aproximo-me mais do ecrã e vejo as suas fotografias — Violet a sorrir com duas pessoas que devem ser os pais, Violet a sorrir com amigos, Violet a sorrir numa festa, Violet com um sorriso de orelha a orelha com outra rapariga, Violet a sorrir sozinha.

Lembro-me da fotografia de Violet e da rapariga no jornal. É a sua irmã, Eleanor. Tem os mesmos óculos pesadões que Violet usou hoje.

De repente, surge uma mensagem na caixa de entrada.

Violet: Tu encurralaste-me. À frente de todos.

Eu: Aceitavas fazer o trabalho comigo se não te tivesse pressionado?

Violet: Para início de conversa, teria arranjado maneira de não fazer o trabalho. Afinal de contas, porque queres fazer o trabalho comigo?

Eu: Porque a nossa montanha está à espera.

Violet: Que queres dizer com isso?

Eu: Quero dizer que talvez nunca tenhas sonhado conhecer o Indiana, mas, além de sermos obrigados a fazê-lo para a escola e de me ter oferecido — está bem, ter-te encurralado — para o fazer contigo, vou dizer-te o que penso: tenho um mapa no carro que está mesmo a pedir para ser usado e penso que há lugares que têm de ser vistos. Talvez mais ninguém os visite e aprecie nem se dê ao trabalho de pensar em como são importantes, mas até os lugares mais pequenos podem ter algum significado. E, mesmo que não o tenham, podem significar alguma coisa para nós. Pelo menos, quando nos formos embora saberemos que os visitámos. Por isso, vem comigo. Vamos. Vamos fazer algo importante. Vamos livrar-nos daquele parapeito.

Como ela não responde, escrevo: Estou aqui, se quiseres conversar.

Silêncio.

Imagino Violet em casa, à frente do computador, com a boca perfeita a esboçar um sorriso para o ecrã, apesar de tudo, aconteça o que acontecer. *Violet a sorrir.* Sem deixar de olhar para o computador, pego na guitarra e começo a inventar palavras, sabendo que a melodia virá a seguir.

Ainda estou aqui e sinto-me grato porque, caso contrário, perderia isto. Às vezes é bom estar acordado.

— Afinal não foi hoje — canto. — Porque ela sorriu para mim.

AGORA UM FILME NETFLIX

«Uma história de amor brilhante e comovente.»

The Guardian

VIOLET Markey vive para o futuro e conta os dias que faltam para acabar a escola e poder fugir da cidade onde mora e da dor que a consome pela morte da irmã.

Theodore **FINCH** é o rapaz estranho da escola, obcecado com a própria morte, em sofrimento com uma depressão *profunda*. Todos os dias pensa em suicidar-se. E todos os dias algo de bom o impede de o fazer.

Quando Finch e Violet se encontram no topo da torre da escola, não se sabe bem quem impede quem de saltar. Com Violet, Finch consegue finalmente ser ele próprio. Com Finch, Violet deixa de contar os dias para passar a vivê-los, um a um, em pleno. Mas, à medida que Violet se vai abrindo ao mundo e à vida, Finch vai-se fechando e afastando. Agora é a vez de Violet impedir uma tragédia. Será que o amor pode salvar Finch?

Através de uma história de amor inesquecível, Jennifer Niven mostra-nos como a vida pode ser simultaneamente tão dura e tão frágil, tão doce e tão amarga. Uma lição de vida comovente sobre uma rapariga que aprende a viver graças a um rapaz que quer morrer.

Uma história de amor redentora.

BASEADO NO LIVRO DE JENNIFER NIVEN GUIÃO DE JENNIFER NIVEN E LIZ HANNAH REALIZAÇÃO DE BRETT HALEY

GetUnderlined.com | @GetUnderlined

Netflix é uma marca registada da Netflix, Inc. e seus associados.
Imagens usadas com a permissão de Netflix, Inc.

penguinlivros.pt
penguinlivros
nuvemetinta



Penguin
Random House
Grupo Editorial

ISBN 9789898775788



9 789898 775788 >

Lê também:

